

O Programa Idiomas sem Fronteiras e os relatos sobre o ensino da língua inglesa para técnicos e alunos da Universidade Federal de Roraima
The Language Without Borders Program and the reports on the teaching of the English language to administrative people and students of the Federal University of Roraima

Antonio Lisboa Santos Silva Júnior - UFRR*
Vitor Rafael Siqueira de Araújo - UFRR**
Fabrício Tetsuya Parreira Ono - UFMS***

RESUMO: O presente trabalho apresenta um breve histórico do Programa Idiomas sem Fronteiras - Inglês (anteriormente chamado Inglês sem Fronteiras) na Universidade Federal de Roraima - UFRR e suas contribuições para o ensino da língua inglesa para técnicos e alunos entre o período de 2014 a 2015, tais como a importância do programa na vida acadêmica dos alunos, docentes e técnicos da instituição, abrangendo as experiências vivenciadas pelos professores bolsistas no programa. Os tópicos a serem discutidos são como lidar em sala com alunos de diferentes níveis de proficiência (salas heterogêneas), como fazer a divulgação dos períodos de inscrição de forma dinâmica e atrativa, e apresentar a formação complementar dada pelo coordenador aos professores bolsistas, preparando-os para o mercado de trabalho. A ideia do artigo é contribuir com ideias para outros programas do Idioma sem Fronteiras em outras Instituições de Ensino Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Heterogeneidade. Experiências.

ABSTRACT: This paper presents a brief history of Language Without Borders Program - English (previously called Inglês sem Fronteiras) at the Federal University of Roraima - UFRR and its contributions to the teaching of the English language to technicians and students between the period of 2014 to 2015, such as the importance of the program in the academic life of students, teachers and technicians of the institution, covering the experiences lived by scholars in the program. The topics to be discussed are how to deal with classrooms with students of different proficiency levels (heterogeneous rooms), the dissemination of enrollment periods in a dynamic and attractive way, and the complementary training given by the coordinator to the scholarship professors, preparing them for the job market. The idea of the article is to contribute with some ideas to other programs of the Language Without Borders in other Institutions of Federal Education.

KEYWORDS: Training. Heterogeneity. Experiences.

* Graduado em Letras com habilitação em língua inglesa e portuguesa pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Especialista em ensino da língua inglesa pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Letras (UFRR). Bolsista do programa Idiomas sem Fronteiras de outubro de 2014 a setembro de 2016.

** Graduado em Letras com habilitação em língua inglesa pela Universidade Federal de Roraima. Bolsista do Idiomas sem Fronteiras de maio de 2015 a dezembro de 2015.

*** Doutor em Letras pela FFLCH - USP, mestre em Estudos Linguísticos - área de concentração em Linguística Aplicada: Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira pela UNESP - São José do Rio Preto, possui graduação em Letras pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2004) e graduação em Direito pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (1999), é especialista em Língua Inglesa pela Universidade São Judas Tadeu (2003). Atualmente, professor do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Foi coordenador do Idiomas sem Fronteiras de 2014 a 2017 na Universidade Federal de Roraima - UFRR

1 Introdução

O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) é um programa com dimensões tamanhas que beneficia não apenas aos alunos que participam das Instituições de Ensino Superior (IES), mas aos funcionários dessas instituições (técnicos e professores) e aos alunos estrangeiros que chegam nas IES e são recebidos pela comunidade acadêmica também. Portanto, este texto apresenta um relato sobre as experiências do IsF na vida dos professores, técnicos e alunos que participaram do respectivo programa na Universidade Federal de Roraima durante os anos de 2014 a 2016.

2 Metodologia

A pesquisa contou com a participação dos primeiros professores do Programa IsF na Universidade Federal de Roraima que relatam suas experiência enquanto trabalharam como professores do Programa. Como alunos, contamos com a colaboração de uma professora efetiva e de uma técnica administrativa da UFRR, que também nos relatam sobre a importância do IsF em suas formações. Pela dificuldade que tivemos em reunir todos os sujeitos para coletar dados em uma pesquisa semiestruturada, optamos por utilizar as tecnologias digitais para nos auxiliar na tarefa de coletar os dados de que necessitávamos para a pesquisa. Dessa forma, contamos com a ajuda do aplicativo *WhatsApp* para fazer a coleta de dados, já que as mensagens poderiam ser respondidas assincronamente, respeitando o momento de cada indivíduo.

3 O programa Idiomas sem Fronteiras na UFRR

O IsF foi uma estratégia do governo Federal para atender às demandas do programa Ciências sem Fronteiras (CsF)¹. Muitas bolsas para o exterior eram dadas como ociosas por falta de proficiência na língua estrangeira por parte dos candidatos. Assim, as aulas presenciais vieram com o intuito de ajudar aos alunos que tivessem interesse em adquirir a

¹ Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>.

nota necessária nos testes de proficiência² para participação no CsF e, também, para os outros programas de intercâmbio, a partir do período de dezembro de 2012. Pelo fato da maioria dos países que participam do programa CsF serem anglófonos, o idioma inglês destacou-se, e, assim, instituiu-se a sigla IsF para Inglês sem Fronteiras (atualmente Idiomas sem Fronteiras).

Iniciamos este tópico com nossos comentários acerca do artigo escrito pelo agora ex-coordenador do programa Idiomas sem Fronteiras da Universidade Federal de Roraima durante os anos que atuamos como bolsistas, Ono (2016), *A ressignificação do global por atitudes locais na implementação do programa inglês sem Fronteiras na UFRR – Algumas experiências*. Segundo ele, a UFRR aderiu ao IsF e procurou uma mobilização e sensibilização interna para executar o programa, pois foi através das modificações do processo de globalização, além de questões econômicas, políticas, sociais, culturais, educacionais e tecnológicas, que provocaram uma sede por conhecimento para suprir o jeito novo de produção do saber.

A proposta envolvia um coordenador geral e três professores, porém, com o início das atividades em janeiro de 2014, foi notado que a divulgação não havia atingido o corpo acadêmico satisfatoriamente de forma que houvesse inscrições nas aplicações de TOEFL/ITP (*Test of English as a Foreign Language/Institutional Testing Program*) e nos cursos presenciais – todos gratuitos para acadêmicos dos cursos de graduação e pós-graduação e técnicos administrativos.

Observado o insucesso, outra avaliação do programa foi feita, assim, reduziu-se o corpo docente para um professor, para dar continuidade ao programa na instituição, mas, com o passar do tempo, apenas um coordenador e um professor se sobrecarregaram com as atividades pedagógicas, acadêmicas e de suporte aos alunos que participavam dos cursos *online* (MEO – *My English Online*)³ e presenciais. Assim, no segundo semestre de 2014, mais um bolsista foi admitido devido ao aumento da demanda de turmas e aplicações do TOEFL ITP.

Com a instalação definitiva do programa na sala da Coordenação do Idiomas Sem Fronteiras, o programa ganhou mais visibilidade no *campus* e, desta forma, ficou mais

² A prova de proficiência é o TOEFL ITP.

³ *My English Online* – MEO, curso de inglês online do Programa Idiomas sem Fronteiras. Uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) destinado aos alunos de graduação e pós-graduação de instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras.

acessível para a comunidade da UFRR saber onde buscar informações sobre as aulas presenciais e aplicações do TOEFL.

Em 2015, com as aulas presenciais, oficinas para alunos e funcionários e aplicações do TOEFL-ITP, o programa sentiu a necessidade de trabalhar com três bolsistas, assim, o professor que chamaremos de VA assumiu a vaga e começou a contribuir para o desenvolvimento do programa. Os professores criaram ótimas expectativas ao participarem do programa; a oportunidade de aprender através da interligação entre teoria e prática – dadas algumas condições adversas a isso, existentes no curso de Letras da Universidade Federal de Roraima, tornou-se realidade. Em um contexto de ensino fortemente enraizado na metodologia de gramática-tradução, como no da universidade citada, raramente se ouve sobre a Abordagem Comunicativa no ensino de língua estrangeira, sobre as estratégias didáticas específicas do ensino de língua inglesa, ou mesmo sobre as técnicas para ensinar traços linguísticos específicos da língua, tais como os sintáticos e semânticos.

Por meio dos materiais disponibilizados e do incentivo e conhecimento compartilhado pelo coordenador, os professores foram treinados. Um dos aspectos trabalhados foi a redução do tempo de fala do professor (Teacher Talking Time – TTT), o que se considerava um grande empecilho para a prática exaustiva da comunicação efetiva em língua estrangeira por parte dos alunos. Darn (2007)⁴, pesquisador da Izmir University of Economics da Turquia, afirma que “Tendo em mente a natureza da sala de aula comunicativa, professores deveriam estar cientes da qualidade de seu TTT [sic] e de como ele é usado ao invés de tentar reduzi-lo ao mero mínimo”⁵ Permitir que os alunos se expressem sem que a redução do tempo de fala do professor prejudique a qualidade da aula ajudou a perceber a importância que tem a prática da língua para o aluno, em detrimento da exposição excessiva a insumos que o professor pode vir a oferecer. Nesse sentido, aprendeu-se também a organizar as fases da aula (a primeira centrada principalmente no professor – *Presentation*; a segunda um pouco menos controlada – *Practice*; e a terceira – totalmente centrada na produção linguística do aprendiz – *Production*) e, conseqüentemente, o tempo para cada atividade, um problema comum a professores iniciantes, ao estudar, ainda sob tutoria do coordenador, o PPP (*Presentation-Practice-Production*).

⁴ Hipertexto "Teacher Talking Time", setembro, 2007. Página consultada a 27 de outubro de 2015 <https://www.teachingenglish.org.uk/article/teacher-talking-time>.

⁵ “bearing in mind the nature of the communicative classroom, teachers should perhaps be aware of the quality of their TTT [sic] and how it is used rather than trying to reduce it to a bare minimum” (tradução nossa).

Maftoon & Sarem (2012, p. 31) mencionam que essa metodologia “[Esta abordagem] segue a premissa de que o conhecimento se torna habilidade por meio da prática reiterada e de que a língua é aprendida em pequenos “pedaços” que guiam até o todo”⁶, uma postulação tipicamente behaviorista e, portanto, tem sido bastante criticada pelos estudiosos contemporâneos; mesmo assim, se mostrou eficaz para o ensino de línguas aos aprendizes mais elementares do Idioma sem Fronteiras, como perceberam os bolsistas.

No primeiro semestre de 2015 começaram as ofertas de oficinas para servidores da UFRR, tais como a oficina “*Let’s Talk: Estratégias comunicativas para atendimento ao público estrangeiro*”. A ideia de criar essa oficina se deu devido à necessidade de atendimento dos funcionários da Instituição aos alunos estrangeiros oriundos de países de língua inglesa. Assim, foi feito um acordo entre o Programa IsF e a Diretoria de Desenvolvimento do Servidor (DDS) para oferecermos uma oficina de 21 (vinte e uma) horas. Os bolsistas se dispuseram a preparar aulas que levassem os alunos/funcionários a lidar com situações de atendimento ao público, orientações espaciais no campus, nomes de cursos, nomes de locais públicos, profissões, nacionalidades, falar e entender as horas e como oferecer e pedir ajuda em inglês.

A técnica administrativa no bloco Centro de Ciências Humanas (CCH), a quem chamaremos *JM*, reafirma a existência de um grande potencial no Programa ao dizer que achou as aulas “bem dinâmicas” e que contribuiriam com seu aprendizado, tendo em vista que ela já possuía uma certa base em língua inglesa. “Caso eu precise lidar com um estrangeiro que tenha dificuldades com a língua portuguesa, eu me sinto apta em ajudar com as instruções aprendidas na oficina” (informação verbal)⁷. Essa oficina já atendeu a duas turmas de técnicos da instituição. Uma no primeiro semestre de 2015 e outra no segundo.

Trabalhamos, também, com uma oficina preparatória para o TOEFL ITP. Esta surgiu a partir das observações feitas pelos bolsistas durante as aplicações de TOEFL ITP, por meio das quais se notou, em alguns candidatos, a falta de atenção e de conhecimento prévio sobre o teste. Muitos não souberam administrar seu tempo nas modalidades da prova (*Listening comprehension, Structure and Writing Expression e Reading comprehension*) e nem mesmo atentaram-se aos cuidados que deveriam ser tomados no preenchimento do gabarito,

⁶ “follows the premise that knowledge becomes skill through successive practice and that language is learned in small chunks leading to the whole” (tradução nossa).

⁷ Entrevista concedida por JM: depoimento [Out. 2015]. Boa Vista: UFRR, 2015. Aplicativo para smartphones whAtsapp. Entrevista concedida aos autores.

cometendo erros como o uso de caneta e preenchimentos incorretos dos espaços destinados às respostas.

Uma das participantes da oficina, a acadêmica de Relações Internacionais nomeada aqui de *NM*, relata que essa oficina a ajudou a fazer a prova de proficiência “em 110%!”. Para ela, “foi bom saber as pontuações de cada categoria, velocidade da prova, como administrar o tempo em cada questão e algumas técnicas para não perder tempo na modalidade de *reading*” (informação verbal)⁸.

Elaboramos a oficina com duração de duas horas em uma semana e, para descentralizar as atividades do bloco CCLA, onde normalmente acontecem todas as atividades do IsF, e alcançar mais visibilidade para esta ação e para o próprio Programa, fizemos a oficina no CCH (Centro de Ciências Humanas) também. Oferecemos a oficina uma semana antes das aplicações do TOEFL-ITP para que os alunos estivessem preparados em uma data próxima de quando fossem fazer a prova. Durante a oficina apresentou-se a estrutura da prova: modalidades, modelos de cada questão, o tempo para responder cada uma delas, o modelo do papel resposta e, por fim, eles fizeram um simulado.

Durante a divulgação das aulas presenciais do programa IsF, minicursos, oficinas e provas do TOEFL ITP, decidiu-se trabalhar com publicações que chamavam mais a atenção do público, de maneira mais cativante, na página do IsF no *Facebook*⁹.

Abaixo seguem três *memes* criados pelos bolsistas do IsF para deixar a propaganda do programa nas redes sociais com uma cara mais atual e divertida¹⁰:

Imagens 1: Memes de divulgação do IsF



⁸ Entrevista concedida por NM: depoimento [Out. 2015]. Boa Vista: UFRR, 2015. Aplicativo para *smartphones WhatsApp*. Entrevista concedida aos autores.

⁹ Foram elaborados diversos “*memes*”, que envolviam filmes, livros, charges e séries de TV de forma animada com comunicados sobre aulas presenciais e aplicação do exame TOEFL-ITP.

¹⁰ Retirado do sítio eletrônico: <https://www.facebook.com/Ingl%C3%AAs-Sem-Fronteiras-UFRR-484619081653507/timeline/?ref=bookmarks>. Último acesso em 27.10.2015.

Alcançamos um número recorde de inscritos nas aulas presenciais com um número de 109 alunos no início do segundo semestre de 2015 (mesmo sendo este o período em que houve greve dos professores da UFRR). Para suprir a demanda de alunos e, conseqüentemente, de turmas, o programa contava com três professores bolsistas desde Julho de 2015.

4 As turmas heterogêneas

A professora do curso de Antropologia, a quem demos o nome *INT*, participou das aulas presenciais e afirma que os cursos oferecidos pelo programa (*Reading and Speaking: Critical Perspectives* e Desenvolvimento de Habilidades Orais) foram de extrema importância para o aperfeiçoamento de seu vocabulário no idioma e acredita que a ideia da UFRR ter implantado o IsF foi muito boa e, embora tenha percebido um amplo esforço dos bolsistas e da coordenação, não entende o porquê da falta de divulgação interna por parte da gestão.

A metodologia das oficinas a cativou, quando ela diz que “ao chegar na sala e ver o professor se comunicando em inglês, te colocando em situações reais para discussão, ler um texto em voz alta e receber a ajuda dos colegas de sala valeram muito a pena” (informação verbal)¹¹. Sobre a heterogeneidade da turma, ela diz achar interessante, pois há uma interação constante entre os alunos “a gente fica o tempo todo se ajudando, gerando uma troca de ideias” (informação verbal)¹².

Tamanha heterogeneidade nos níveis de proficiência linguística nos cursos ofertados pelo IsF é, em grande parte, causada pela avaliação que o teste TOEFL-ITP faz. Alunos e servidores da UFRR que têm facilidade em leitura (geralmente por associação a palavras cognatas, como eles próprios afirmam), alcançam uma boa pontuação na prova, mas têm dificuldade nas outras três habilidades linguísticas, principalmente a produção oral, habilidade que não é cobrada no exame de proficiência.

Com o aumento de alunos, os professores começaram a perceber a diferença, que já estava presente, embora menos perceptível, entre os níveis de proficiência dos alunos. No entanto, os professores utilizaram-se de atividades em grupo que envolviam relações de cooperação, harmonia e suporte entre os aprendizes. Essas atividades são muito importantes

¹¹ Entrevista concedida por INT: depoimento [Out. 2015]. Boa Vista: UFRR, 2015. Aplicativo para smartphones WhatsApp. Entrevista concedida aos autores.

¹² Id. 2015, p. 12.

para que a realização das tarefas tenha sucesso (HADFIELD,1992). Para Bejarano (1987), a metodologia de grupos revela que a aprendizagem pode se desenvolver muito mais. O autor enfatiza que o trabalho em conjunto promove a aprendizagem e as relações sociais entre os indivíduos. De acordo com Cole (1970), a adaptação de aspectos dessa dinâmica para a sala de aula em língua inglesa pode favorecer o desenvolvimento da habilidade de comunicação.

De acordo com Miccoli (2012), a visão de muitos professores no ensino básico da esfera pública e também da privada é de que a heterogeneidade é um problema difícil de lidar. A perspectiva mais comum nesse contexto é a de que ter uma turma heterogênea dificulta o desenvolvimento dos mais proficientes e, às vezes, superestima os menos favorecidos.

A experiência de lidar com diferentes níveis de conhecimento da LI pelos alunos em sala de aula é um problema relatado por professores de escolas particulares, pois muitos dos estudantes dessas instituições têm acesso a cursinhos de inglês. Já os professores de escolas públicas lidam com um outro tipo de heterogeneidade – a que decorre de políticas públicas que levam à sala de aula alunos economicamente, culturalmente e intelectualmente heterogêneos sem a contrapartida de que seja oferecida à instituição e aos professores uma infra-estrutura [sic] adequada à implementação de políticas educacionais progressivas tais como as que não reprovam alunos. (MICCOLI, 2012, p. 75).

No entanto, os comentários de Miccoli (2012) sobre as falas dos professores e outros estudos como o de Esteban (2006, apud MICCOLI, 2012) concordam em relação à positividade de se ter uma turma heterogênea. Aquela autora, por meio de uma pesquisa mais profunda, percebe o perigo de se ter a crença de uma homogeneidade ideal na sala de aula: “o reconhecimento de que todas as turmas são heterogêneas, em muitos casos, vem acompanhado do ideal de homogeneidade, destacando a diferença como elemento que impede o ensino e a aprendizagem”. (p. 10).

No IsF, desconsideramos a ideia de homogeneidade, pois entendemos que não é possível ter alunos idênticos, tendo em vista que cada indivíduo constrói seu conhecimento a partir de experiências próprias e conhecimento prévio. Considerar que a homogeneidade na sala de aula é possível é rejeitar a noção de diversidade. As diferenças sociais, culturais, afetivas e mesmo as de proficiência no idioma estrangeiro entre os alunos que participam do programa são exploradas em benefício deles próprios. Por exemplo: os alunos que conhecem sobre localização geográfica podem ajudar aos que não conhecem durante uma aula sobre viagens, em situações específicas em que os alunos precisem decidir para onde viajar, ou

precisem oferecer sugestões para os outros que viajarão; nesta mesma situação, aqueles que sabem como dizer “Suíça” em inglês ensinarão aos que não sabem, os que sabem como dizer “Suécia” também o farão, e assim sucessivamente; os que já fizeram viagens internacionais saberão dos procedimentos para se tirar um visto, ou para conversar sobre a viagem no setor de imigração, ou mesmo para tirar o passaporte, e ensinarão aos que ainda não tiveram a oportunidade de fazê-lo; os que têm interesse sobre questões sociais incentivarão os que não têm afinidade com o assunto sobre o qual se expressa; nas atividades em grupo, os mais proficientes serão os líderes motivadores ou apenas os resumidores das ideias do grupo, ambas as opções ajudam o aluno menos proficiente a criar confiança na hora de se comunicar em língua estrangeira, tendo a certeza de que está sendo “avaliado” por um igual, não pela pessoa que está à frente da turma na maior parte do tempo.

Por falta de uma seleção mais acurada feita pelo sistema do IsF Gestão, frequentemente nos deparávamos com turmas heterogêneas, nas quais se encontravam alunos de diferentes níveis de proficiência, por exemplo B1 e A2 (de acordo com a nota do TOEFL-ITP). Levando em consideração, além disso, que a pontuação exigida para a inscrição em uma mesma turma do IsF é bastante abrangente, foi percebida a necessidade de reorganização dos alunos em turmas diferentes.

O coordenador do IsF no referido ano de implementação das oficinas, passou a considerar que durante a semana inicial dos cursos, os alunos teriam direito de “migrar” para a turma que mais correspondesse às suas expectativas e proficiências e, dessa forma, sentirem-se mais confortáveis para desenvolverem suas habilidades linguísticas. Para o pontapé inicial de separação dos alunos, os quais eram de horários diferentes, convocamos todos à primeira aula em um mesmo horário e perguntamos se eles se sentiriam melhor em uma turma um pouco mais avançada ou estavam contentes com a turma em que se encontravam no momento.

Nós nos utilizamos do trecho “em qualquer um desses casos, reconhecer que a heterogeneidade é a norma e não a exceção é um primeiro passo para lidar com a experiência de estudantes em diferentes trajetórias de aprendizagem” (MICCOLI, 2012, p.76) para ressaltar a importância de se saber lidar com a situação de heterogeneidade. Susan Bremmer afirma que:

Uma turma de habilidades mistas permite uma maior miscigenação social, mas se apoia fortemente sobre a competência do professor em ajudar um grande escopo de pupilos a alcançar seu potencial. Há o perigo

de que os mais hábeis não sejam puxados o suficiente, ao tempo que os menos hábeis sejam negligenciados.¹³ (BREMMER, 2008, p. 01)

Ao realçar a responsabilidade do professor quando lida com uma turma heterogênea, o autor dá vazão ao pensamento posterior de que são necessárias técnicas específicas para essa situação tão comum. Ur (2013), em sua conferência chamada *Teaching Heterogeneous Classes*¹⁴, nos dá uma primeira ideia de métodos para o ensino de turmas com níveis diferenciados de proficiência em língua estrangeira. Um dos conceitos abordados é o de questões abertas, que significa fazer perguntas para as quais não há apenas uma resposta, de forma que os alunos possam se expressar de acordo com suas habilidades, em detrimento das questões fechadas, que não oportunizam ao aluno idealizar uma sentença com algo mais significativo. Outra estratégia é fazer com que os alunos não entrem em competição contra os outros, visto que os menos proficientes poderão sentir-se inferiores frente à proficiência dos mais hábeis, mas contra si mesmos, batendo seus próprios recordes e estabelecendo seus próprios limites.

5 Considerações finais

Os relatos de professores, acadêmicos e servidores da Universidade Federal de Roraima que participaram das ações do IsF fomentam a concepção de que este programa tem um grande potencial de crescimento na instituição e de desenvolvimento linguístico dos alunos que depositam a confiança do seu aprendizado aos professores do programa. Os professores vêm sendo capacitados por meio de cada reunião pedagógica, de cada colaboração dos outros bolsistas, do coordenador e até mesmo das ideias dos seus alunos. Cabe agora continuar com o esforço empenhado para transformar este programa de notabilidade crescente em ações que visem ainda mais à internacionalização da comunidade acadêmica da UFRR, o desenvolvimento pessoal da comunidade acadêmica e a capacitação dos professores-bolsistas.

¹³ “A mixed ability class allows for more of a social mix but relies heavily on the expertise of the teacher in helping a wide range of pupils achieve their potential. There is the danger that the more able might not be stretched enough while the less able are neglected”. (Tradução nossa).

¹⁴ BRITISH COUNCIL INDIA: UR, Penny. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUi61k3AVFU>. Acesso em: 17.06. 2016.

Referências Bibliográficas

BEJARANO, Y. **A cooperative small-group methodology in language classroom**. TESOL Quartely Digital, v. 21, n. 3, setembro, 1987.

BREMMER, S. **Some thoughts on teaching a mixed ability class**. Scottish Languages Review. Issue 18, Autumn 2008, 1-10.

COLE, P. **An adaptation of group dynamics techniques to foreign language teaching**. TESOL Quartely Digital, v. 4, n. 4, dezembro, 1970.

CORRÊA, G. G. **As reformas educacionais brasileiras: programas de ensino em Ciências e seriação escolar**. 1997. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

DARN, S. **Teacher Talking Time**. Izmir University of Economics, Turkey. Setembro, 2007. Página consultada a 27 de outubro de 2015 <https://www.teachingenglish.org.uk/article/teacher-talking-time>. Último acesso em 29.07.2019.

HADFIELD, J. **Classroom Dynamics**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

MAFTOON, P.; SAREM, S. N. **A Critical Look at the Presentation, Practice, Production (PPP) Approach: Challenges and Promises for ELT**. Special Issue on Psycholinguistics. Vol. 3, No. 4 (2012). <http://www.edusoft.ro/brain/index.php/brain/article/view/442/490>. Acesso em 27.10.2015.

MICCOLI, L. **Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa**. In: Revista Linguagem & Ensino, v. 10, n. 1, p. 47-86, 2012.

ONO, F. T. P. **A resignificação do global por atitudes locais na implementação do programa inglês sem fronteiras na ufr - algumas experiencias**. In: Do Inglês sem fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização. Orgs: SAMENTO, S., ABREL-E-LIMA, D., BARROS FILHO, W. – Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2016.